



Linguagem e materialidade na experiência fotográfica¹

Fernando L. FOGLIANO²
Denise C. F. de CAMARGO³
Centro Universitário Senac

Resumo

Neste trabalho os autores propõem um diálogo e uma aliança, entre os mais avançados conceitos de linguagem e a teoria da materialidade da comunicação. Propõem, nesta reflexão, um panorama integrador para observar na ontologia da imagem fotográfica a capacidade de retratar a cultura humana. Exploram, para tanto, as teorias relativas às ciências cognitivas e aos processos criativos. A partir disso, traçam possibilidades para a fruição e análise das imagens no contexto cultural e tomam como estudo de caso, imagens cujo tema é a cosmogonia dos rituais de origem negro-africana, apontando para um olhar laico e um olhar iniciado. Ambos resultam de uma experiência subjetiva com o ritual, cuja concepção visual é alimentada por uma linguagem ao mesmo tempo metafórica e simbólica, própria da linguagem fotográfica.

Palavras-chave

ciências cognitivas; linguagem; materialidade da comunicação; fotografia; cultura negro-africana.

¹ Trabalho apresentado no GP Fotografia – Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Fernando L. Fogliano é fotógrafo e artista multimídia do coletivo SCIArts. Doutor e mestre em Comunicação e Semiótica (PUC–SP), especialista em Engenharia da Computação (Escola Politécnica–USP) e graduado em Física (Universidade Mackenzie). É líder do Grupo de Pesquisas da Imagem Contemporânea (GPIC), cujo objetivo é pesquisar a imagem contemporânea em suas inserções na cultura humana enquanto estratégia tecnológica ligada à produção de conhecimento, comunicação, artes e design. Realiza experimentos artísticos, estudando a produção contemporânea da imagem no campo dos paradigmas científicos.

³ Denise C. F. de Camargo é fotógrafa, doutora em Artes (Unicamp), mestre em Ciências da Comunicação (ECA–USP), pós-graduada na Faculdade de Ciências da Informação (Universidade de Navarra, Espanha), e graduada em Jornalismo (ECA–USP). Tem experiência profissional em fotojornalismo. Foi editora de veículos especializados na difusão cultural da fotografia brasileira. Seus estudos e pesquisas se concentram em teoria e crítica fotográfica e imagem nas manifestações culturais e religiosas afro-brasileiras. Recebeu o Prêmio JT de Jornalismo (1991), o Prêmio Expressões Culturais Afro-Brasileiras (2010), para a realização da exposição fotográfica educativa *E o silêncio nagô calou em mim*, baseada em capítulo de sua tese de doutorado. É pesquisadora do Grupo de Pesquisas da Imagem Contemporânea (GPIC) e membro do Grupo de Pesquisa Fotografia da Intercom. Desenvolve projetos curatoriais, editoriais e culturais.



Nota introdutória

Avanços realizados no campo das ciências cognitivas vêm permitindo considerar a linguagem sob novas perspectivas que reforçam sua importância na produção de bens simbólicos e culturais. A produção de imagens, que caracteriza fortemente a cultura neste início de século XXI, pode também ser reexaminada por meio dessas novas perspectivas, iluminando alguns de seus fundamentos ontológicos e trazendo uma renovada compreensão de sua importância na cultura humana.

Faz-se necessário mencionar que as reflexões que envolvem este breve estudo da linguagem e da materialidade da comunicação, no contexto do estudo das linguagens visuais, especificamente a fotografia, constitui um esforço inicial de aprofundamento em um vasto campo do conhecimento que inclui a lingüística, a teoria neural da linguagem, o neodarwinismo, os processos criativos, entre outros.

Um corpo teórico: entre linguagem e pensamento

Para Pinker (1995, p.18) a linguagem é muito mais do que um artefato cultural que utilizamos para prestar informações ou dizer como determinados sistemas funcionam. A linguagem é uma peça distinta da maquinaria biológica de nossos cérebros. De natureza complexa, essa habilidade especializada desenvolve-se nas crianças, espontaneamente, sem esforço ou instrução formal. Dentre suas inúmeras definições, dentre as quais órgão mental, sistema neural, ou módulo computacional, esse autor prefere considerar a linguagem como um “instinto”.

Donald (1991, p. 44) afirma que o instinto para a linguagem é a emergência de um processo que ocorreu ao longo da evolução da espécie humana, desde seus primórdios. Uma história dessa evolução, e que se apoia nas idéias de Darwin, pode ser narrada por meio de três estágios. O primeiro descreve um cenário pré-lingüístico, no qual a utilização de símbolos dependeu de aprimoramentos na habilidade de pensar. O segundo é determinado pelo uso de vocalizações, embora a inteligência, o gestual e as expressões faciais sejam também elementos importantes nessa fase evolutiva da linguagem. A terceira etapa, segundo o autor, está relacionada ao surgimento de capacidades cognitivas dependentes da linguagem. Essa afirmação implica que o pensamento nos humanos modernos possui, pelo menos, dois aspectos: aquele que não depende da linguagem e, portanto, arcaico, e aquele que depende. Essa condição estabelece a necessidade de vinculação entre representações não-lingüísticas com aquelas



representações imersas na linguagem. Essa conclusão dá a entender a importância da linguagem como uma ferramenta de apoio ao pensamento.

Nesse sentido, Dennett (1999, p. 172) se pergunta o que acontece ao cérebro de um humano ou hominídeo quando ele se torna equipado com palavras. Para responder essa questão ele vai considerar a importância da linguagem, analisando nossa capacidade de antecipação. Esse tipo de pensamento se processa por intermédio da operação de modelos mentais que nos permitem prever consequências futuras de nossos atos (como escalar um penhasco) sem termos de arcar com as consequências dessas ações. A linguagem é uma ferramenta que permite a articulação de longos fluxos de pensamento, como aqueles necessários para o pensamento antecipatório. Estes aspectos fundamentam outros processos de pensamento relacionados à tomada de decisão. A sofisticação desses processos está, fundamentalmente, ligada à linguagem e proporciona grande vantagem evolutiva.

Outra importante consequência do surgimento da linguagem, e talvez aquela mais facilmente reconhecida, é a cultural. Uma linguagem comum conecta os membros de uma comunidade numa rede de compartilhamento de informações, proporcionando aos indivíduos poderes formidáveis (Pinker, 199, p.16). Dennett (op.cit, p. 177) vai se referir à ciência ao considerar esse processo ao qual denominou de “gerar-e-testar”, isto é, o mais importante na ciência não consiste na possibilidade de incidir em erros, mas em fazê-los publicamente. Nesse processo, a produção de conhecimento se dá de forma coletiva fazendo que erros cometidos publicamente possam ser corrigidos pelos demais. A linguagem permeia tais processos de refinamentos sucessivos e descobertas de novos padrões em quaisquer dos âmbitos do conhecimento, de forma acelerada e muito eficiente. Esse aspecto oferece à cultura uma característica de inovação e diversidade. Segundo Dennett (1999, p.178-179):

“Nossos cérebros humanos, e apenas os cérebros humanos, foram equipados com hábitos e métodos, ferramentas mentais e informação extraída de milhões de outros cérebros com os quais não temos uma relação mais próxima. Isso, ampliado pelo gerar-e-testar na ciência, coloca nossas mentes num plano diferente em relação às mentes de nossos mais próximos parentes entre os animais. Esse processo de aumento, específico de nossa espécie, tornou-se tão rápido e poderoso que uma única geração de melhoria programada pode tornar raquíticos os esforços de milhões de anos de evolução devida à seleção natural.”

A linguagem certamente é o elemento propulsor da cultura humana e, nesse contexto, desloca a biologia do eixo da evolução instalando-a ali. Cultura e evolução são



inextricáveis e a linguagem é o elo de conexão entre esses dois domínios de nossa existência. Essa afirmação é bastante razoável se considerarmos que do ponto de vista biológico não diferimos muito, ou nada, de nossos antepassados de trinta mil anos atrás. Esse tempo, em termos evolutivos é irrisório. A diferença toda entre estilos de vida, artefatos, ferramentas e complexidade dos conceitos que orientam nossas decisões deve-se, fundamentalmente, à emergência da cultura que impregna o ambiente ao nosso redor. Para Gibbs (2007, p.13) nossos corpos não são objetos distintos da cultura. Todos os aspectos de nossa experiência no mundo são moldados por processos culturais uma vez que teorias e sistemas conceituais são inerentemente culturais.

O corpo tem função mediadora entre os seres e os espaços que os envolvem. E a cultura é carregada do semblante que o corpo projetou na relação com o espaço, pensado aqui em um sentido amplo, pois o corpo que faz cultura, produz sentidos e simbolismos, materializa experiências. É essa produção de linguagens, em última instância que é chamada de cultura. “A cultura é também uma poética porque ela é uma decisão de nomear gestos [...] Nesse sentido, pode fazer cultura quem encontrou condições mínimas de nomear seus gestos” (Almeida, 2001, p.32), detentor de uma linguagem, portanto.

Processos cognitivos são indissociáveis da cultura em seu entorno. Um aspecto fundamental na psicologia de Vigotsky (Kaptelini e Nardi, 2006, p. 39) é a relação entre a mente, de um lado, e a cultura e sociedade, de outro. Esses elementos não são meros agentes externos, influenciando a mente. Ao contrário, constituem-se de forças geradoras, diretamente envolvidas na própria produção da mente. A consciência emerge na interação do corpo com a cultura por meio da linguagem. O termo linguagem é utilizado aqui como um conceito universal. Veremos mais adiante que depois da “invenção” da linguagem natural, a cultura vem dando oportunidade ao surgimento de uma diversidade de linguagens. A complexidade, a variabilidade e o número crescente de novas linguagens talvez sejam o aspecto mais emblemático da inventividade que caracteriza a cultura humana.

Linguagem como um fenômeno que se origina na experiência do corpo

As ciências cognitivas permitiram enormes avanços no entendimento do sistema mais complexo conhecido pelo homem, o cérebro. Suas descobertas e avanços transformaram panoramas em vários campos do conhecimento, propiciando inclusive o surgimento de novas áreas de estudos. Na filosofia, achados das ciências cognitivas reabrem questões



filosóficas centrais. Lakoff e Johnson (1999, p.03) abrem o primeiro capítulo de seu importante livro *Philosophy in the Flesh* com as seguintes considerações:

A mente é inerentemente encarnada. O pensamento é na sua maior parte inconsciente. Conceitos abstratos são amplamente metafóricos. Esses são três grandes achados da ciência cognitiva. Mais de dois milênios de especulação filosófica a priori em torno destes aspectos chegaram ao fim. Devido a estas descobertas a filosofia não pode mais ser a mesma.

Duas das questões acima nos interessam aprofundar neste estudo, uma vez que constituem aspectos muito próximos da reflexão sobre a linguagem que nos propusemos realizar: o corpo na produção de sentido de nossas experiências, e a metáfora como mecanismo cognitivo dessa produção.

Gibbs (2007, p. 1-13) analisa as mudanças, a que nos referimos anteriormente, lembrando que a separação que se estabelece na filosofia tradicional entre corpo e mente impõe sérios limites aos estudos acadêmicos da vida mental, ainda que se considerasse a contribuição dos sistemas sensoriais na produção de conhecimento. Platão via o corpo como uma fonte de distração na vida intelectual que necessitava ser erradicada na prática da filosofia.

Essa mesma perspectiva pode ser encontrada nos escritos cristãos, quando Santo Agostinho, no século V, referia-se ao corpo como origem do pecado e da fraqueza espiritual. “A separação entre mente e corpo e a organização hierárquica tendo a mente sobre o corpo assombra a história da filosofia ocidental desde Platão, Aristóteles e Santo Agostinho até Descartes e Kant” (Gibbs 2007, p. 3).

Para Descartes o fenômeno mental, que se constitui, autonomamente, não tem lugar no mundo físico. O filósofo inventou um tipo de matéria a *res cogitans*, indivisível e intangível, para dar suporte à existência da mente, seus pensamentos, desejos e volições. O dualismo cartesiano estabeleceu uma tradição filosófica no ocidente que cristalizou o corpo como um objeto sólido e o *self*, particularmente a mente, de natureza etérea, infundida misteriosamente no corpo. Damásio (1996), em o *Erro de Descartes*, vai referir-se ao dualismo cartesiano e à necessidade de superá-lo diante das evidências científicas que demonstraram em que lugar, no cérebro, se realiza o pensamento emocional e sua importante influência sobre a razão.

Para Feldman (2006, p. 329) a experiência subjetiva, corpórea, também é uma questão importante no entendimento da linguagem. Seu argumento para essa importância advém da observação de que é com base na sensação física que as crianças aprendem a utilizar



metáforas para expressar suas experiências subjetivas. Como veremos adiante, o uso de metáforas permeia a construção de conceitos e significados.

Da concretude à abstração

A experiência subjetiva é a base a partir da qual palavras culturais, técnicas, abstratas e conceitos surgem. Neurônios e corpo são centrais nesse processo: pessoas, como sistemas neurais, compreendem ideias abstratas porque esses conceitos são mapeados e ativados em circuitos cerebrais envolvidos na experiência.

A metáfora, portanto, não é apenas um truque lingüístico ou figuração cultural. O discurso sobre a metáfora e a cultura deu forma a uma mudança paradigmática naquilo que concerne ao nosso entendimento sobre criatividade e aquisição de conhecimento. Sinteticamente definida, a metáfora envolve processos cognitivos de entendimento em um domínio da informação em termos de outro domínio. Importante nesse processo é o fato de que conceitos podem ser categorizados em níveis de abstração. Os que se encontram num nível mais básico são aqueles derivados mais proximamente da experiência direta.

Um exemplo dessa organização de conceitos pode ser obtido com as palavras *cadeira* e *mobiliário*. É possível obter uma imagem mental de uma cadeira, mas não de uma peça genérica de mobiliário. Segundo Feldman (2006, p.186), “nosso conceito de cadeira está relacionado com nossa habilidade de sentar que, por sua vez, está intimamente ligada com nossos corpos. É fundamentalmente um conceito encarnado”. Na obra *One and three chairs* (1965), Joseph Kosuth discute, além de outras questões, também esse conceito ao combinar uma cadeira real com duas outras representações do mesmo objeto: uma fotografia (índice) e uma definição da palavra cadeira, extraída do dicionário. Com isso, o autor deixa claros os limites da representação.

O nível conceitual mais básico é aquele que caracteriza as imagens mentais, *gestalt*, esquemas motores de uma categoria. Categorias super-ordenadas, ou superiores, como *mobiliário* possuem tais aspectos do cenário corpóreo em comum, porém são mais abstratas (ibid, Feldman).

É dentro do processo de mapeamento interdomínios que o novo significado é gerado. O processo de mapeamento é importante para a compreensão de como as metáforas criam novos conceitos e significados. Lakoff e Johnson definem metáforas “convencionais” ou “primárias” como aquelas que evoluíram dentro da linguagem literal, pelo uso comum e pela familiaridade. Com essa análise eles trouxeram a prova cognitiva



linguística de que muito de nossa conceituação e das representações linguísticas metafóricas do mundo advêm de nossas experiências corpóreas, interativas com o ambiente (Cox, 2006, p.90). Estas estão tão imbricadas na nossa cultura a ponto de interpretarmos literalmente seu significado.

Metáforas conceituais ajudam a estrutura do pensamento cotidiano. Nós as interpretamos, literalmente, como parte convencional do discurso e, nessa linguagem comum, o modo como conceituamos e nos comportamos.

O pensamento criativo, conforme Lakoff e Johnson (1999, p.66), surge da invenção de metáforas que eles denominaram como “inovadoras”. Tais metáforas permitem novas inferências sobre mapeamentos existentes. O pensamento criativo pode ser considerado, portanto, segundo a inovação da metáfora utilizada. Nesse sentido, podem-se considerar as metáforas, constituindo um *continuum* em que num extremo situam-se as convencionais ou primárias e, no outro, as inovadoras.

Segundo esta perspectiva o fazer artístico relaciona-se à produção de metáforas inovadoras. Trabalhos artísticos podem então ser considerados a partir do conceito da metáfora que se constitui a partir de mapeamentos conceituais em domínios diversos que se originam na experiência concreta do corpo. Sabemos hoje que o pensamento abstrato vem dessas experiências.

Nossos sistemas de pensamento e linguagem abstratos e metafóricos se formam dos processos interativos realizados no cotidiano e constituem a base para a produção do conhecimento. As metáforas artísticas, que, como vimos, podem ser definidas como inovadoras, estabelecem mapeamentos conceituais novos, ampliam padrões de inferência em mapeamentos metafóricos existentes, expandindo seus significados. Essa expansão é a mola propulsora para a evolução da cultura e da mente e implica o aumento da sensibilidade do olhar, de perceber, antes imperceptíveis, sutilezas da realidade (Sogabe e Fogliano, 2009), interpretá-las e analisá-las à luz das produções de presença.

Materialidade da comunicação e a produção de presença

“Presença é aquilo que é palpável, concreto, evidente, e tem um impacto corporal”, nos diz Michael Manfred Hanke⁴. “Produções de presença”, conceito formulado por Marcio

⁴ Michael Manfred Hanke, no artigo *Materialidade da comunicação – um conceito para a Ciência da Comunicação?* discute a materialidade, tendo como perspectiva o estudo de Hans Ulrich Gumbrecht em parceria com Karl-Ludwig Pfeiffer que deu origem ao livro *Materialität*



Carneiro, durante aula ministrada por Gumbrecht no programa de pós-graduação da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, em meados dos anos 90, designa os efeitos da materialidade da comunicação, aperfeiçoando seu conceito.

A materialidade se refere às condições, o lugar, o suporte e as modalidades de produção de sentido que, por si, são isentos de sentido. Seu fundamento está no fato de que qualquer comunicação precisa de um componente de materialidade. Gumbrecht, cuja formação era medievalista, traz desse campo a experiência para formular a questão, apropriando-se de um contexto de ouvintes e não de leitores. No momento histórico estudado por ele a narração estava, assim, atrelada à gestualidade corporal do narrador. É assim que o corpo se torna ferramenta de materialidade para a reflexão sobre atitudes comunicacionais em suas diferentes linguagens – a imagem fotográfica, especialmente.

Karl Ludwig Pfeiffer define um dos mais importantes princípios dessa teoria: “a comunicação é encarada menos como uma troca de significados, de ideias sobre [algo], e mais como uma performance posta em movimento por meio de vários significantes materializados” (Felinto, 2001 apud Pfeiffer, 1994, p. 6) Embora Gumbrecht situe o conceito nos estudos literários, ele é interdisciplinar e não recorta, especificamente, um determinado objeto pois, segundo Felinto (2001), “todo objeto cultural aparece como passível de investigação do ponto de vista de sua materialidade expressiva [...]. O que importa aqui não é essencialmente a natureza, o estatuto ontológico do objeto, mas sim a busca de um novo modo de encarar objetos culturais.”

Dentre as premissas que fundamentam a teoria de Gumbrecht, a que nos interessa sobremaneira é a proposta de retirada do campo hermenêutico, em que o corpo é um coadjuvante da construção de sentidos para a entrada em um campo não-hermenêutico em que o corpo produz sentido. “O gesto hermenêutico se baseia na ideia de que uma superfície (corpo, texto, materialidades) atua como simples instrumento de expressão de um sentido que deve ser encontrado na profundidade (espírito, significado, imaterialidade) de um ente espiritual. No campo não-hermenêutico a atenção está focada “não na busca pelo sentido [...] mas como o sentido pode constituir-se a partir do não-sentido (Felinto, 2001).”

der Kommunikation (1988) e, posteriormente, ao *Diesseits der Hermeneutik. Die Produktion von Präsenz* (2004), cujo título traduzido para o inglês é *Production of Presence. What meaning cannot convey*.



Impossível separar a materialidade do sentido produzido por ela. Bernadette Lyra⁵, ao comentar o artigo de Hanke, chama a atenção para a ideia de Marcio Carneiro: “quando se considera o dado material na produção de presença é como se estivéssemos, de pronto, instituindo um outro circuito interpretativo que foge ao que continua latente. Ou seja, se eu descrevo o impacto que uma imagem tem sobre meu corpo (a experiência sensorial), esse impacto é uma outra espécie de interpretação que deixou de lado a interpretação propriamente e tradicionalmente dita que levaria apenas em conta o que aquela imagem representa.”

Outras linguagens – o significado além das palavras

Mas é possível considerar outras formas de linguagem no contexto das teorias da linguagem estudadas no início deste estudo? Para Johnson (2007, p. 210) a resposta é afirmativa. A cultura ocidental valorizou sobremaneira o valor da palavra e a arte nunca foi considerada, seriamente, como um modo essencial de engajamento com o mundo subjacente. Podemos tomar essa afirmação e trazer para o campo da linguagem toda forma de engajamento que fazemos com o ambiente?

Se assim for, poderemos considerar a teoria da linguagem como um campo unificado de estudos das linguagens das palavras, sons, movimentos e todas as demais formas da expressividade humana como a fotografia, o cinema, a música, o teatro, o design em todas suas vertentes. Nas artes visuais, as imagens e seus padrões, qualidades, cores e ritmos são portadores de significado.

Tramas e processos das imagens

Assim, pode-se seqüestrar tanto a linguagem, quanto a materialidade de seu escopo teórico original e torná-las uma metáfora abrangente para pensar a “corporalidade” na cosmogonia dos rituais de origem negro-africana, sabendo-se que o conceito de materialidade pode ser apropriado por qualquer fenômeno que trabalhe com alguma noção de suporte material.

Aqui, convém explicitar que essa tradição cultural se firma na experiência, na vivência – por isso todo o sentido de comunidade que a envolve; por isso o saber dos mais velhos

⁵ *Algumas considerações sobre o percurso da teoria das materialidades na comunicação* trata-se de um conjunto de treze notas, organizadas por Bernadette Lyra para os alunos da disciplina Metodologias de Análises em Imagem e Som, a partir do artigo de Michael Manfred Hanke, professor da Universidade Federal de Minas Gerais, no NP Teorias da Comunicação, V Encontro dos Núcleos de Pesquisa no Congresso Intercom, 2004.



como um valor transmitido oralmente por gerações; por isso a materialidade que envolve os rituais, em suas diversas acepções – oferendas, sacrifícios, o uso de objetos e do corpo como um altar à disposição das divindades mitológicas que vêm à terra celebrar com seus descendentes míticos.

É, assim, na materialidade do meio de transmissão que se estrutura a mensagem, isto é: “a emergência do sentido somente ocorre através do concurso de formas materiais (Felinto, 2001 apud Gumbrecht, 1988, p.17-18). O corpo entregue ao ritual constitui o sentido, sem ser ele propriamente o sentido. A imagem do ritual constitui o sentido, sem ser ela propriamente o sentido, lembrando que o rito é uma linguagem, um ato de comunicação. Por isso ela nos parece exemplar para, sem trocadilho, materializar as discussões propostas por este estudo.

Em duas diferentes experiências com a fotografia no ambiente do ritual, lançamos aqui algumas potencialidades da imagem fotográfica. Independente de suas formas de produção e do entendimento ou envolvimento dos fotógrafos com as questões relativas ao ritual. Trata-se, de todas as formas, de uma experiência que revela determinadas tomadas de decisão e antecipações.

A linguagem fotográfica tem seus fundamentos, de forma análoga ao que vimos anteriormente, nas experiências sensoriais e subjetivas provocadas pelas texturas, contrastes, equilíbrio, etc. O simples fato de não podermos colocar em palavras aquilo que experimentamos não impede que essa experiência tenha transformado algo em nosso cenário interior, ou não possa nos auxiliar na interpretação e fruição da cultura e de suas produções simbólicas.



Fotos: *Fernando Fogliano*

Nestas imagens, realizadas durante uma cerimônia denominada xirê, ou toque, a festa em que as divindades são apresentadas para dançar ao som dos atabaques, junto com toda a comunidade, *Fernando Fogliano* retrata o ambiente sagrado-profano. Por meio delas, aponta para uma linguagem visual que permite registrar a plasticidade das cores, dos gestos, dos objetos simbólicos, das danças, todos elementos que compõem os rituais religiosos de matriz africana e fazem parte, de certa forma, do imaginário que se constituiu a seu respeito. Certamente pela difusão pública dessas cerimônias.

Eles chamam a atenção do fotógrafo, pela primeira vez diante da experiência ritual em um terreiro. Com eles, cria uma produção material de presença. Da concretude à abstração, a experiência subjetiva é devolvida em imagem, fundamentando os andaimes que constroem conceitos visuais e organizam o pensamento que comunica por meio de uma linguagem.



Fotos: *Denise Camargo*

Nestas imagens, selecionadas de um conjunto fotografado para a tese *Imagética do Candomblé: uma criação no espaço mítico-ritual*, e editadas no caderno de processo *E o silêncio nagô calou em mim*, que integra a pesquisa, *Denise Camargo* aponta para



uma relação subjetiva com a linguagem do rito. Aqui, a experiência com o ritual promove um “mapeamento interdomínios” também construtor de uma forma material de presença imagética.

O detalhe do *mariwó*, a folha do dendezeiro desfiada usada para proteger os locais sagrados, poderia também, enquanto imagem, deslocar-se da prática ritual que a fotógrafa conhece muito bem em tantos anos de pesquisa nos terreiros de candomblé. Seu olhar iniciado conhece a importância dessa folha nas relações mitológicas e na estrutura do ritual. Na segunda imagem, uma queda d’água, fora do ambiente religioso, circunscreve também um mito, o da divindade Oxum, cuja simbologia é dedicada às águas doces.

O fotógrafo se utiliza dos recursos da linguagem fotográfica (cor, texturas, movimento, etc.) para expressar conceitual e abstratamente sua experiência profunda. As modernas teorias da linguagem nos valem para pensar a imagem fotográfica em sua construção de novos modelos de realidade.

Ao trazermos aqui o fenômeno cultural dos rituais como objeto, em suas funções narrativas e seus significados diversos, podemos pensar no próprio ritual, como linguagens que se tangenciam umas às outras para produzir experiências sensoriais e corporais com as imagens. Ambos compreendem muito bem, portanto, e a seu modo, a experiência religiosa e a linguagem visual na interface com o metafórico e o simbólico, organizadores da cultura humana. Dar sentido ao mundo, por meio da linguagem tem fundamento na experiência.

Para concluir

Podemos, a partir das reflexões realizadas, considerar a cultura formada por múltiplas dimensões cada qual constituída por uma linguagem. Esse universo multidimensional, da mesma forma que o universo ao nosso redor, está em contínua expansão num interminável movimento de criatividade e complexidade como consequência do entrecruzamento dessas dimensões. A cultura formada pela trama das linguagens constitui uma espécie de lente que simultaneamente detalha, aprofunda e expande nosso campo perceptivo permitindo-nos experienciar novos, profundos e sutis aspectos da realidade.



Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Danilo Di Manno de. *Corpo, Tecnologia, Cultura* In LYRA, Bernadette e GARCIA, Wilton (orgs.). **Corpo e cultura**. São Paulo: Xamã, 2001.
- CAMARGO, Denise. *Imagética do candomblé. Uma criação no espaço mítico-ritual*. Tese (Doutorado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- COX, Donna. *Metaphoric mappings: The art of visualization* In FISHWICK, Paul. A. (ed.). **Aesthetic computing**. Cambridge: MIT Press, 2006.
- DAMÁSIO, António. **O erro de Descartes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DONALD, Merlin. **Origins of the modern mind: Three stages in the evolution of culture and cognition**. Cambridge: Harvard University Press, 1991.
- FELDMANN, Jerome A. **From molecule to metaphor: A neural theory of language**. Cambridge: MIT Press, 2006.
- FELINTO, Erick. *'Materialidades da comunicação': Por um novo lugar da matéria na teoria da comunicação* In: Ciberlegenda n° 05, 2001.
- GIBBS, Raymond W. Jr. **Embodiment and cognitive science**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- GREINER, CHRISTINE. **O Corpo. Pistas para estudos indisciplinados**. São Paulo: Anablume, 2005.
- GUMBRECT, Hans Ulrich. **Corpo e forma**. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1998.
- GUMBRECT, Hans Ulrich. *O campo não-hermenêutico ou a Materialidade da Comunicação*. Rio de Janeiro: UERJ, Cadernos do Mestrado, n. 5, 1993.
- GUMBRECT, Hans Ulrich e PFEIFFER, Ludwig. **Materialities of communication**. Stanford: Stanford University Press, 1994.
- HANKE, Michael Manfred. *Materialidade da comunicação – um conceito para a Ciência da Comunicação?* Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/R0680-1.pdf>. Acesso em 15/10/2009.



JOHNSON, Mark. **The meaning of the body: Aesthetics of human understanding**. Chicago: The University of Chicago Press, 2007.

LAKOFF, George e Mark Johnson. **Philosophy in the flesh: The embodied mind and its challenge to western thought**. New York: Basic Books, 1999.

LUZ, Marco Aurélio. **Agadá. Dinâmica da civilização africano-brasileira**. Salvador: EDUFBA, 2003.

LYRA, Bernadette. *Algumas considerações sobre o percurso da teoria das materialidades na comunicação, notas organizadas por para os alunos da disciplina Metodologias de Análises em Imagem e Som*, [mineo] 2004.

LYRA, Bernadette e GARCIA, Wilton (orgs.). **Corpo e imagem**. São Paulo: Arte e Ciência Editora, 2002.

PINKER, Steven. **The language instinct: the new science of language and mind**. London: Penguin Books, 1995.

SODRÉ, Muniz. **A verdade seduzida. Por um conceito de cultura no Brasil**. Rio de Janeiro: DP & A, 2005. 3ª.ed.

SOGABE, Milton e FOGLIANO, Fernando. *Mídias e realidade* [Texto apresentado no #8-Art – Encontro Internacional de Arte e Tecnologia], Universidade Federal de Brasília, Brasília, 2009.